

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

## Borba e Vila Viçosa na crise de 1383

Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*, com o poder de sugestão que caracteriza a sua prosa, evoca o ambiente político que provocou a crise de 1383, com o País dividido em dois partidos que se digladiavam. Num artificio literário de nítido efeito teatral, dirigere a Lisboa, a «cabeça da revolução» — como a considerou o prof. Marcello Caetano C<sup>1</sup>)—e interpelada desta forma: «Oo mui nobre çidalde de Lixboa, vida e coraçom d'este rreino, purgada de todas fezes no fogo da lealldade! pois que já sabemos alguüs mártires dos que por ti paideçerō, hora vejamos quaaes fororn os confessores que te fizeram clara amtre as gemtes, confessamdo sempre tua temçom, sem desfallecer neles tal fe? — E ella rrespomdemdo a tal ipregumta, pode dizer desta guisa : Os que cornf essarom comigo, o 'Papa Urbano seer verdadeiro pastor da igreja, e o Meestre rregedor e deffemssor destes rrelinos, foi a boa leall çidade do Porto (...) E com ella Coimbra, Évora, e a Guarda, e Viseu, e Lamego...» Lisboa 'enuncia ainda algumas dezenas de outras localidades amigas, acrescentando depois: «E todallas outras me desempararō, huas per fraqueza de coraçom, e delias per nom leaaes Portugueeses, outras per força de tormento, que soportar no poderom, fazendo alguüas de mim escambo, e da teemçom que tomava, por sabir da sogefiçom, a que comtra rrazom nossos lemmiigos per força nos obrigar queriam. E estas aqui nomeadas, fororn os meus confessores que sempre confessarom a voz que eu tiinha, seiemdo minhas companheiras nas pressas e tribula çoões, que por deffiemsom do rreino me despuse a padecer» (2).

0) **O Concelho de Lisboa na Crise de 1383-1385**, Lisboa, 1953, p. 9.

(2) **Crónica de D. João I**, 1.<sup>a</sup> Parte, cap. CLIXII, Eid. do Porto, 1945, dia Livraria Civilização, que continuaremos a citar, vol. I, pp. 348-9.

Desta forma viva ie idramática (nos indica o cronista como o País f̃cou dividido: dum lado os povoados c castelos apoiando o Mestre, do outro as térras que se colocaram ao lado de D. Beatriz ou que a isso foram obrigadas pelas guarnições dos seus castelos.

Ocorre-nos, a propósito, que também André Malraux, no seu romance cuja acção decorre ma guerra civil ide Espanha, sugere, logo no início, por meio de um artifício literário, 'a cisão 'daquele país cm dois partidos antagónicos, fazendo-o por forma menos teatral mas mais realista: «Le central téléphonique de la gare du Nord appelait les gares les unes après les autres. Le secrétaire du syndicat des cheminots, Ramos let Manuel, désigné pour ^assister cette nuit, dirigeaient (...) Manuel notait les appels des villes (...). Il reportait les positions sur la carte 'du réseau: Navarre, coupée; tout Test du golfe de Biscaye, Bilbao, Santander, Saint-Sébastien, fidèle mais coupé a Miranda» (3). Marcando assim, sucessivamente, as terras que lestavaim ao lado de Franco e as que permaneciam fiéis ao governo de Madrid, a 'divisão ida Espanha pelas duas facções vai-se delineando.

Como Fernão Lopes nos faz ver, também Portugal, em 1383, se dividiu «ide pais com filhos, e 'de irmaaõs com irmaaõs, e de molberes com os maridos» c depois lançou-se numa luta fratricida que o cronista sentidamente evocou e lamentou: «Oo quie forte cousa e mortali guerra de veer, huûs Portugueeses, quererem destruir os outros! e aquellos que huû vemfcre geerou e huûa terra deu criamento, desejarem de sse matar de voomtade, ie esparger o sangue de seus divedo® e parentes»(4).

Já foram traçados vários mapas mostrando como Portugal estava dividido (5). Examinando-os, fácilmente se 'encontram casos

(3) André Malraux: *L'Espoir*, (Paris, 1937, 4.ª Ed., ,pp. 7 e 9.

(4) *Crónica do D. João I*, 1ª Parte, cap. XLVII e LXVIII, Vdl. I, pp. 94 te 134.

(5) A (primeira carta, supomos isier ja que Jaime Cortesão inseriu no seu estudo *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal in História do Regimen Republicano em Portugal*, Lisboa, 1930, Viott. I, p. 89. iSegue-se ia do Dr. Fernando Bandeira Ferreira publicada no -estudo do Dr. Je el Serrão: *O Carácter Social da Revolução de 1383*, Lisboa, 1946. Teve 'justa crítica», no dizer do Doutor Salvador Dias lAroaut, inlo estudo do iProf. (Alfredo Fernandes Martins *Apostila a um mapa dn Biblos*, Vol. XXII, Tomo I. Vejam-se ainda as observações feitas pelo Dr. Alberto Ida em *Descobrimientos Portugueses*

de povoados quase cercados de inimigos e zonas em que os dois adversários se defrontavam a partir de castelos <e povoados relativamente próximos. Gas tão de Melio de IMAitos assinalou este aspecto da crise de 1383, 'escrevendo: «Alaindroal e Vila Viçosa, Torres Novas e Tomar, Portalegre e Marvão, Belmonte 'e Covilhã, etc. muito próximas uma das outras (uma a três léguas) sustentavam partidos opostos e conhecemos alguns combates 'entre ais respectivas guarnições» (6). Vila Viçosa e Borba também se defrontaram, mas tal não se deduz de nenhuma das cartas da crise, porquanto nenhuma delas 'indica que Borba tomou o partido do Mestre, pois nenhuma a inclui sequer.

O caso de Vila Viçosa >e Borba no entanto merece ser recordado, por se tratar de uma típica luta fratricida ie por se revestir de uma certa importância, como demiento significativo dentro do quadro da guerra Civil que «então se travou.

Vila Viçosa caiu 'em poder dos partidários de D. Beatriz devido a um traiçoeiro golpe que Fernão Lopes narra com certo pormenor: «E Alvaro Gomçallves nom foi dormir aquella noite aaquella grande torre da villa, de que airnda -estava de posse, mas como foi seraão, veosse para elle Vaasco Foroalbo, mostrando que viinha beber com seu compadre, e tomar com dl prazer; e detevesse com dl tam alta noite, ataa que emtrarom, çimquoenta escudeiros, e duzemos hornees de pee, que tiinha escomdidos dentro no castello; 'e premedeo Alvaro Coitado e sua mulher e filhos, ie quantos com dl estavam; e os levarom 'logo súpitamente aa torre da menagem, e lherroubrou as casas de quanto medias tiinha. E aquelle seraão, emtrarom dentro no castello, duzemas lamças de Castellaãos, e grande madurgada derom aas trombemas, e levamtarõ bamdeira na torre

— *O Algarve e os Descobrimentos*, Lisboa, 1956, Vol. II, Tomo II, p. 406, e o estudo *Alguns Aspectos da Evolução do Litoral Português* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Julho-Setembro de 1957. [Publicou depois o Doutor Salvador Dias Amais, no seu valioso trabalho *A Batalha de Trancoso*, 1947, ip. 83, um outro mapa, que meos ipareoe iser o mais bem elaborado e fundamentado. 'Cf. pp. 82-85. Dm mapa parodiado 'foi elaborado pelo cap. Gastão de Melo de Matos no seu attigo sobre -a baltalha de Aljubarrota, no qual 'encontramos valiosas indicações para a divisalo do Piais pellos dois partidos em luta. Ver *Dicionário de História de Portugal*, dir. «por Jioel Serrão, Vol. I, pp. 194-105. Todavia nenhum destes mapas inolui Borba.

(6) *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 105.

da menagem, braadamdo altas vozes: *Castilha! Castilha!* Quando os da villa virom os Caisitellaãos comsigo, foram mui desacordados, e postos em grã torvaçom, assd por a tomada da villa, come por a prisom idAlvoro Gomçallvez ; e abrirom aquell postiigoo, e começou a gemte a fugir pera Dorva, assi de pee come de oavallo; e o Gomemdador folgava por livrarem a villa, e se hirtem todos como de feiito fizeram; e :ell ideu logo os bees da quelles que sse foram a seus criados» (7).

É evidente que, se os fugitivas de Vila Viçosa se acolheram em Borba, é porque esta seguia o partido do Mestre. Mais adiante veremos que a *Crónica do Condestabre* e Fernão Lopes o afirmam explicitamente.

A luta que se vai travar a seguir deu origem a diversos recontros e 'ataques de surpresa, dos quais, como é natural, Fernão Lopes conta apenas os mais importantes. Assim pensou também o Paldre Espanca, que, nas suas *Memórias Históricas de Vila Viçosa*, escreveu : «Não cessava Forcalho de inquietar a gente de Borba e do Alamdreal com frequentes icorrertias, de sorte que não podiam seus gados afastar-se do pé das muralhas» (8).

Eis como um desses 'episódios é narrado pelo grande cronista: «o quall (Vasco Porcalho) sabemdo que Alvoro Gomçallvez era já em Estremoz, e avia em aquelle dia de partir pera Borva, mandou quareemta de oavallo le triimta hornees de pee, que sse fossem poer no caminho, per omde Alvoro Gomçallvez avia de viinr, e que de morto ou preso, nom lhe 'escapasse a todo seu poder; e Alvoro Gomçallvez nom sabia desto parte. Pero Rodriguez sabia desto novas, e mais per huũ homem de Villa Viçosa, que lho veo dizer (...) sse foy cavallgamdo pera Estremoz, e achou Alvoro Gomçallvez que aimda nom partira; e comtoulhe por que falli vehera, e elle lho gradeçeo muito; e disselhe que possesse em ssi boa guarda e avisamiento, que nom rreçebesse dano. Partârom emtom Alvoro Gomçallvez e Pero Rodriguez com 'elle pera a villa de Borva ; e no dia seguinte alta manhã, mamdou Alvoro Gomçallvez descobrir terra per dous lescudeiros, e acharom dez de oavallo que viinhã correr a villa de Borva; e estes vederom atee ho logar apos

,(7) *Crónica de D. João I*, 1.<sup>a</sup> parte, oap. C, Vol. I, p. 191<sup>^</sup>

(8) P. Joaquim José da IRBcha Espanca: *Compêndio de Notícias de Vila Viçosa*, Redondo, 1892, ip. 134.

aquello doEuls que foram descobrir, e tomaram jumto cõ a villa viimtie bois que amdavam paçemdo. Alvaro Gomçallvez e Pero Rodrigues, iquamdo virom esto, sahirõ a elles pera lhos tolher, e tom'aromilhas arnte que chegassem ia huã a pellada que os Castellanos tiinham lamçada hu chamam Orrelhal; e foi a çellada descuberta e seguida de corredura, ata as ortas do Regueemgo açeroa da villa (V. Viçosa), homde tomaram sete azemellas do Comemgador Vaasco Porcalho; as quaies os Castellaãos nom ousarom ide lhe ir tolher, cuidaimdo que era muita mais gemte. Emtom sí? tornou Alvaro Gomçallvez pera Dorva e Pero Rodriguez pera o Allamdroall» (9).

Mas o mais importante episódio desta luta, na qual Borba desempenha papel ide certa relevância, é o ataque a Vila Viçosa dirigido por D. Nuno Alvares Pereira, cuja narrativa se encontra na *Crónica do Condestabre* e na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, em textos que se inserem seguidamente e a par, de modo a poderem ser confrontados mais fácilmente:

«E em estando assy em Eluas tres ou quatro homes boões de Villa Viçosa que eram verdadeiros portugueses lhe enuiarom dizer q fosse alio e que elles dariam huã porta dá villa per que entrasse: do qual foy muy ledo : c logo pera alia partyo.

E chegou aa noyte acerca de Villa Viçossa: e alogouse aquella uoyite muyto sem arroydo: em huã lugar que chamam Orrelhal. E em outro dya pella manha hordenou pe-

«Outros comtam que alguõs hornees boõs de Villa Viçosa emviarom dizer a NunAlvarez que fosse alla, e que elles lhe dariam hũa porta da villa per que emitrasse: e que seemdo ell mui ledo de tal embaxada, trabalhou logo de o poer em obra. E partio com suas genties

chegou açeroa de Villa Viçosa, e allojousse a preto delia, em huã logar que chamam o Arelhal (9-a) muito sem arroido, e todos assessegados. Em outro dia pella rnanhã, hordenou de

(9) *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, oap. OUI, Vol. H, pp. 200-201.

(9-a) Deve halver um lapso na grafia dedtoa 'palavra, pais no trecho de F. (Lopes atrás transcrito aparece *Orrelhal*).

ra prazendo a Deos tomar a villa : segundo a enformação que aula pollo recado q lhe os hornos boos enuiarõ. E mandou diãte Perna Pereyra seu jrmãão e Aluaro Coytado com certa gente. Os quaaes Pernam Pereyra e Aluaro Coytado: tanto q aa villa chegaro se lãngaro detro na villa per hua das portas délia: a que chama a porta da torre: que he a malis forte porta que na villa ha: em 'esita guissa. Ella he húa torre abovedada encima da entrada da porta: q nenhuũ home nõ pode chegar aa porta que primeiro nõ passe per toda aquella aboueda. E aboueda tem hũ grande buraco na meataide per q cabem grandes cantos: pera os lançarem quando quiserem. E como se assy lançarõ per a porta: derõ logo com huu grande canto ante que entrassem ao Permaim Pereyra que lhe esoacharõ o bacinete: e a cabeça: e foy logo morto. E per esta guissa foy morto huũ seu escudeyro que o seguio: a que chamauã Vicente Estez. E Aluaro Coitado chegou todavia a entrada da porta da villa sem empedimento: e entrado foy ferido de muytas e rnaas feridas pera a morte: efoy preso e leuado aa villa: ie tãbe leuaron dentro o corpo de Pernam Perey-

tomar a villa, segumdo a emformaçom que lhe enviada fora; e mandou deamte Fernam Pereira seu irmão, e Alvaro Coitado com çertos comssigo; os quaaees acavallo armados com seus baçinetes como a tall feito cõpria, chegarom a pressa a Villa Viçosa e deçeram dos cavadlos por sse lamçare dentro pella porta que chamam da Torre, que he a mais forte que ella tem, a quall he em esta guisa. Ella he hua torre mui larga abovedada em çima da entrada da porta, que nenhuũ nom pode chegar aa porta da villa, que primeiro nom passe per sso toda aquella aboveda: a quadi ha húa tall boca nía meatade, pior que cabem grandes oamtos, pera os larnçar de cima quem quiser. E como Fernam Pereira e os outros sse quiserom larnçar per sso aquella aboveda, por chegar aa porta d»a villa, veo huũ grande canato de gima, e deu a Pernam Pereira que lhe esmagou o baçinete e a cabeça toda, e foi logo morto; e per esta guisa matairom huũ seu escudeiro que o seguio que chamavom Vicente Estevez. Alvaro Coitado chegou todavia aa emtrada da porta sem empodi monto nem torva que ouvesse; e querendo entrar foi ferido e preso, e levado dientro aa villa: e

ra: que era huú dos fermosos corpos de homes ido reyno. E sobre esto chegou Nunalurez cÔ sua bādeyra e genite. E como lhe foy dito que seu jrmaao era morto: e Aluro Coytado preso e mal ferido: se 'pos logo a pee tema: ,e asy todollos seus e se quisera lançar dêtro na villa e se laçara de feyto se nom fora sua gēte que delle trauarā: e per força o tornara veendo como a cousa era muito priygossa. E veendo Nunalurez como se por entona miays nō podia fazer: polias portas ja serem çarraldas e a villa forte: e dentro muy ta gente. Partyose logo oom muyito nojo e asaz bem triste: como aquislle q tal perda recebera. E foy se pera Borba que estaua polio Meestre. E em outro dia seguinte enuiu dizer a Vasco Poroalho, e aos outros castellaãos que cō 'elle cstauaim em Villa Viçossa: que 'lhe enuiassem o corpo de seu jrmão: e elles enuiarom logo» (10).

tambe levarom o corpo de Fernam Pereira, que era huú dos ardidos e fremosos corpos dhomees que em todo o rreino avia, sieiemdo aaqudll tempo de hidade de viimte e quatro annos. Em esto chegou NunAllvarez com sua bamdeira e gemtes; e quando sobe que seu irmaao era morto e Alvaro Coitado preso e ferido, ouve tam gram nojo, que mayor seer nom podia; e nom podendo em ello mais fazer, por as portas seerem çarradas, e tall entrada mui periigosa, tornou com grannde nojo pera Borva que estava por o Meestre, que era dalli hũa legoa. (...) No seguimte dia, seemdo NunAllvarez mui anojado por tall perda como avia rreçebida, emviou dizer a Vaasco Porcalho, que lhe enviase o corpo de seu irmãao e foilhie logo tragido»,<sup>(11)</sup>.

Francisco Rodrigues Lobo incluiu este episódio no poema que consagrou a D. Nuno Alvares Pereira. Como essa referência é longa

(10) **Coronha do Condestabre de Purtugal**, cap. XXXVIII, Lisboa, 1526. fol. XXXI v. — XXXII <r. Utilizámos a edição fac-similada que em 1969 o Ministerio dia Educação Nadiloinail, <numa feliz iniciativa, idigna die todo o aplauso, publicou para comemorar a inauguração dio novo edificio da Biblioteca Nacional die Lisboa.

(11) **Crónica de D. João I**, 1.ª parte, cajp. 'OLXXII, Vol. li, pip. 366-368.

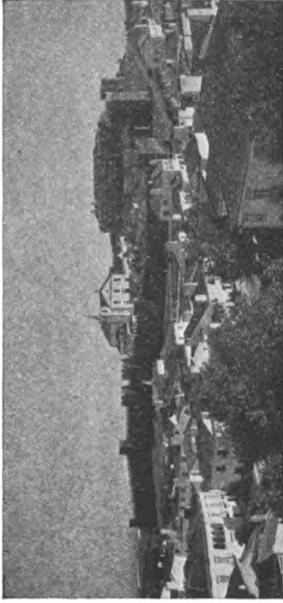
insignificativa sob o ponto de vista histórico, transcrevemos apenas a parte final:

Tem huma porta a villa nobre, e bella  
 Com hum estreito vão antes da entrada  
 Da taboada mui forte, e feita mella  
 Huma aberta enganosa, altreçoada  
 Aonde a guerreira gente de Castela  
 Tem para a defender, sempre encerrada  
 Pedra, e mais munições com que a socorre  
 E o nome inda hoje tem porta da torre

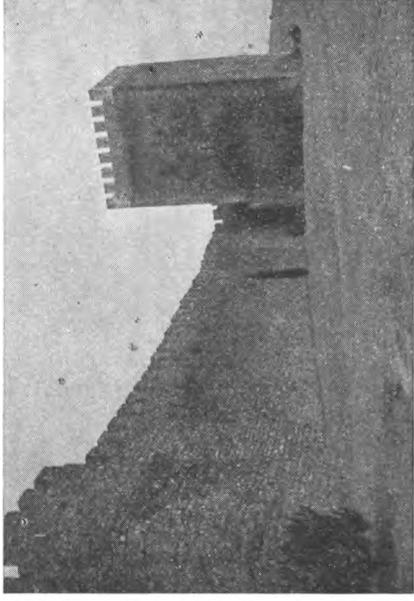
Âly aonde era a parte prometida  
 Os nossos chegam já com grande pressa  
 E vendo a porta aberta, e defendida  
 Fernão Pereira a ella se arremessa  
 A nenhum dos que lem contra deixa vida  
 O reboliço, e grita ja não cessa  
 Setas, dardos, e pedras, e alaridos  
 Vão a troando as almas, e os ouvidos

E atravessando o vão daquela entrada  
 A custa do que armado lha defende  
 Dando tam ferros golpes com a espada  
 Que o que fugir não sabe, se arrepende:  
 De sobre a falsa porta huma pesada  
 Pedra, com grande furia os ares fende  
 Da no mancebo, o elmo de aço parte  
 Cai sem vida aquelle ousado Marta

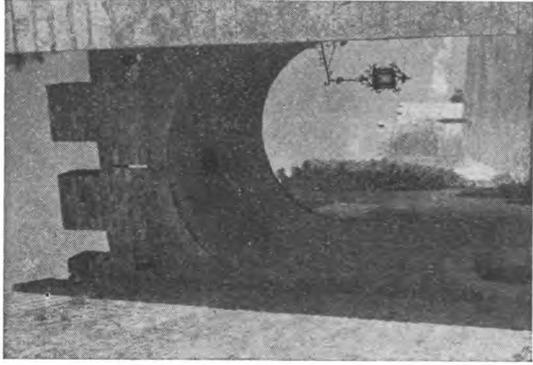
Bem junto a elle espira um escudeiro  
 Seu, que seguindo-o foi forte atreuido  
 Mas Ahíaro Coutado que ligeiro  
 Poggio da pedra entraua assaz ferido:  
 E faltando-lhe forte companheiro  
 Que pelijando assaz ficou sentido  
 Lá chega Nuno; a genite 'a porta cerra  
 Que da ira acende o air, e come a terra-



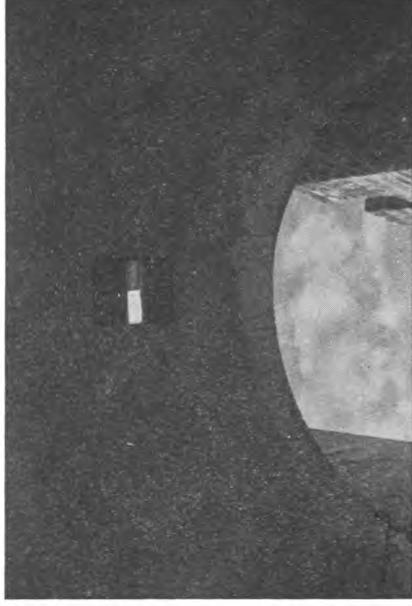
Aspecto geral do castelo de Vila Viçosa na sua parte voltada para Borba. À dir. a torre que deu o nome à porta.



Aspecto da torre que defende a porta do castelo de Vila Viçosa, por isso denominada porta da Torre.



A porta que liga a torre à muralha. A zona mais escura é a abertura. À esq. a porta da torre.



A abóbada formada pela ponte que liga a torre à muralha, vendo-se a meio, parcialmente tapada, a abertura por onde foram lançadas as pedras que mataram Fernão Pereira, irmão do Condestável.

Sabe do charo irmão tam triste noua,  
So isie arremessa às portais de indinialda  
Mas a gente magnanima lho estrona,  
Que o tem dios for bes braços subjugado:  
(Não ha razão que lo vença, nem que o moua,  
(Que o tem a ira, e dor desatinado  
Porém hle já forçada a paciencia  
Que não vai contra ais portais resistencia

Delias se aipaitba iroso, e desiaoribente  
Com o rosto bax!o, os olhos inclinadas  
Os seus chorando todos tristemente,  
E o pendão arrastrando o® verdes prados:  
Nenhum sle ouue fallar, nada ise Genite  
Se não sospiros tristes magoados  
Em Borba aquella noite se aposentla,  
E aly nouo cuidado o atormenta <sup>(12)</sup>

Mas Nímio Alvares Pereira vai tentar de novo apoderar-se do castelo de Vila Viçosa. A *Crónica do Condestabre* ie a de D. João I narram -essas tentativas :

«...depois do enterramento de seu jrmaãoi(Nuno Alvares) teue conselho de hijr çeroar villa viçosa: e mandou chamar suas gentes e foy çeroar: e cõtinuou o çeroo por iespaço (de muytos dias: com dous engenhos cõ que lhe mãldiaiuu tirar de noyite e de dia que iniom 'Oessauã. E em durado o cerco se fiezerõ mujtas escaramuças ätre os do arayal e os ida villa. E porque as gentes (eram muýtas na villa: e esso meesmo os manti metos eram muytos dentro e o -lugar forte. E porque outras cousas

«NunAllvarez porem nom embargando lesto, segumdo comvem aos grandes senhores nom mostrou tamto nojo, aadefora, quanto em seu coração tiinha, assii, por nom acabar aquello que começara, como por a morte de seu irmão; e como homem de grannde esforço, comfortou ssi e sua gemte; e mandou chamar per esses logares darredor mais companhas das que comssigo tiinha; e enviou a Ellvas por huü emganho, e foi çeroar Villa Viçosa; e jouve sobreilla per espaço de tempo,

<sup>(12)</sup> *O Cond&stabre de Portugal D. iNunalvares Pereira*, Lisboa, 1785, Conto XI, pp. 243-5.

se recreiã polia comarca: a que compria de numalurez acudir: por seruiço do meestre: leuãtou se do cerco» (13).

tãramdolhe de noite e de dia com aquell lemgenho; e escara - muçamdo e combatedo, nom lhe pode fazer o nojo que ell desejava; porque na villa era boa gemte de Castellãaos e de Fortugueeses, com gramde avomdamça de mantiimentos que a deffendiam bem, e ell por nom peregerem alguus boõs dos que com ell amdavom que ell muito amava, desi por acudir a outras cousas que sse pella comarca rreoreçiam, a que cõpria tornar por serviço do Meestre, levamtou arreall» (14).

Além destes episódios que Fernão Lopes conta, é deveras provável que outros pequenos recontros e escaramuças tenham ocorrido, dado não só o ódio que impulsionava as populações (15), mas também porque esta situação se manteve até algum tempo depois da vitória de Aljubarrota. Simplesmente esses episódios, por serem de reduzida importância e por terem tido pouca repercussão no desenrolar da luta, não são narrados pelo cronista.

Um outro aspecto ainda desta luta merece um pouco de reflexão. Comparando o castelo de Vila Viçosa (16) com os aspectos visíveis do castelo de Borba, concluímos sem qualquer dúvida que este era uma fortificação bastante mais pequena. A área abrangida pelas muralhas medievais do castelo de Vila Viçosa é muito malior.

(13) *Coronica do condestabre de Purtugal*, cap. XXXIX, Ed. de 1526, fol. XXXII r.

O\*), *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. GLXXII, p. 368.

(15) Diz Fernão Lopes, referiudo-sie aos partidários do Mestre, «geenousse amitreles hüua huniõ <ie mortali hodio^ comtra quiaesquer que sua emteem-çom nom tiiniham, em tanto que nenhuü logar era seguro, aaquelles que nom seguiam sua opiniom» — *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. XVI, Vol. I, p. 33.

(16) Um mapa do castalio de Vill'a Viçosa erooonitira-sie nio estudio ide Saut\* Anna Dionisio: *Museu-Biblioteca de Vila Viçosa*, Fundação da Casa de Bragança, 1947, p. 152.

Parece-nos portanto legítimo concluir que este castelo possuiria uma guarnição mais numerosa do que «a do castelo de Borba. No entanto não temos notícia de ter havido uma tentativa de ataque, ao menos uma, por parte da guarnição do castelo de Vila Viçosa, ao pequeno castelo de Borba. Porquê? Pode pensar-se numa acentuada falta de espírito de combatividade. Ou seria que essa guarnição, embora maior do que a guarnição normal do castelo de Borba, não pôde ser reforçada com parte dos homens válidos da povoação, porquanto estes fugiram para Borba, como conta Fernão Lopes, enquanto nesta vila o povo apoiava a guarnição do castelo, que, como ele, estava pelo Mestre? Parece-nos bem provável que assim tenha acontecido, e, mesmo que a população de Vila Viçosa não tivesse toda fugido, a guarnição do castelo não teria suficiente confiança nos homens que restavam para deliberarem um assalto a Borba, porquanto o povo era, na sua totalidade ou na quase totalidade, favorável ao Mestre. Por isso Borba, aparentemente muito mais fraca do que Vila Viçosa, não foi, que nós sabemos, sequer alvo de qualquer ataque. Verificaram-se apenas escaramuças e *raids* nos campos vizinhos aos dois povoados.

Este caso não nos parece singular. Pelo contrário, parece-nos ser um exemplo de uma situação generalizada pelo País fora. Os partidários de D. Beatriz conseguem no início da crise dominar povoações, vilas e cidades. Mas não tiveram, na maioria dos casos, forças que lhes permitissem tomar uma atitude ofensiva, e isto certamente porque sentiam que não podiam confiar nas populações. Por isso aparecem lutando apenas quando se defendiam. Esta situação teve, como não podia deixar de ser, uma grande repercussão no evoluir dos acontecimentos. Contribuiu fortemente para a vitória do Mestre e foi ela decerto que levou o rei de Castela a planejar e a realizar as suas campanhas de invasão e conquista de Portugal, sem tomar em linha de conta as forças dos partidários de sua mulher, porque na verdade, militarmente, pouco contavam (17). E o caso de Borba-Viçosa é um bom exemplo, um frisante aspecto dessa faceta da luta intestina que em Portugal se travou nos fins do século XIV.

Mas o estudo desta luta que se estabeleceu entre os militares dos

(17) Veja-se o estudo que apresentámos à Academia Portuguesa da História em 1969 intitulado *Aspectos a Problemas da Crise de 1383* a aparecer no Vol. 19, 2.ª série, dos seus *Anais*.

dois partidos não interessa apenas para o conhecimento da guerra civil. Tem também interesse historiográfico, pois nos traz 'elementos para a determinação do valor da *Crónica do Condestabre* e de Fernão Lopes.

Voltemos à narrativa das tentativas de D. Nuno Álvares Pereira para 'conquistar Vila Viçosa.

Fernão Lopes começa por dizer: «Porque huys dizem que sabendo ell que o Comendador fazia vadia c dava casa a huñ seu criado que diziam Alvaro Machado, que cuidou por a gram festa e prazer em que seriam postos em aquell dia, que 'em quaimto os noivos fossem na igreja e a mais da gemte com elles, que de salto e súpitamente podia tomar o logar, e por aquesto se partio assi. Outros comtam que alguys hornees boõs de Villa Viçosa...», seguindo-se a inamati va já transcrita em paralelo icorn a *Crónica do Condestabre*. E acrescenta: «Hora sabe que hu'ú outro estoriador comtando ia partida de NunAllVanez quando desta Vez foy a Villa Viçosa, nom sse outorga em tali nrazoado; mas diz que Vaasco Poroalho emganosamente escpreveo a Nuno Allvanez aquella carta, iem morne de tres ou quatro dos boõs do logar, dizendo que sse trabalhasse ide chegar lia com suas gentes o melhor que podesse, pera toman a villa e quantos ieram dentro, ie que elles lhe dadam emtrada; e que ell creemdo que era tall cousa verdade, sse demoveo da guisa que dissemos, ie rreçbeo aquell gramde cajom e emgaino. E çertamente tall fiailamento he mais conforme aa nrazom, que nehuñ dos outros; porque, sse os da villa em gramde segredo tall cousa movenom em iperda e dano do Comendador e dos que no logar eram, nom ouvena morte per que foram vingaidos dos que tall maldade 'contra elles cometiam? E nos nom achamos 'estonia que diga que nehuñ por esto malí rreçbesse, ante foram todos acordados e muito prestes quando Pernam (Peneira chegou; 'em que paneçe que ja sabiam disto parte»<sup>(18)</sup>.

Três pontos devem ser acentuados. O primeiro é ter Fernão Lopes recolhido três versões diferentes dos motivos que levaram o Condestável a atacar Vila Viçosa, o que indica ter realizado urna investigação ampla e cuidadosa acerca deste episodio da crise de 1383-1385. Em segundo lugar, deve-se notar que adopta a última

<sup>(18)</sup> *Crónica de D. João I*, 1.<sup>a</sup> parte, cap. GLXXV, Vol. I, pp. 365 e 367-8.

versão como a mais verosímil, depois de criticamente as analisar a todiaais. Finalmente, que muito embora não tenha adeáte a versão dos motivos que levaram a atacar Vila Viçosa tal qual se encontra na *Crónica do Condestabre*, a aceita para narrar os episódios da prim/eiira tentativa feita para conquistar essa povoação. Ora sucede que nós podemos, num ponto, controlar a veracidade dessa narrativa e concluir pela sua exactidão. Efectivamente, a Porta da Torre do castelo de Vila Viçosa tjem fronteira uma forte torre, a qual está ligada à muralha por uma ponte de pedra, situaiada mesmo por cima ida iporta. Nessa ponte encontra-se, a meio, urna abertura. Como se vê, coincide e portanto confirma a narrativa da *Crónica do Condestabre*. Parece pois que Fernão Lopes aceitou, com boas razões, essa versão dos acontecimentos.

Igualmente iê interessante o 'confronto da narrativa da segunda tentativa de 'conquista de Vila Viçosa nas duas 'crónicas. Concor-dantes iem bastantes pontos, divergem em que a *Crónica do Condestabre* diz que D. Nuno atacou novamente 'por ser a isso aconselhado, e Fernão Lopes atribui-lhe a iniciativa, 'dizendo terem bombardeado a vila com um engenho que veio de Eivas, ao passo que a *Crónica do Condestabre* fala em dois engenhos cuja prove-niência não indica. Parece portanto, considerando especialmente os dois últimos pontos, ter Fernão Lopes 'completado e corrigido a *Crónica do Condestabre* 'com outra ou outras fontes.

Acentuamos estes aspectos, pois supomos revestirem-se de indis-cutível interesse como 'elementos para o -estudo das duas Crónicas e para o esclarecimento do problema do valor historiográfico de ambas.